

PRESENÇA DAS IDÉIAS DE FERRER NO BRASIL: O EXEMPLO DA «ESCOLA MODERNA N.º 1» DE SÃO PAULO

FLAVIO LUIZETTO

I

O terceiro tomo do livro *A cultura brasileira*, de Fernando de Azevedo, intitulado "A transmissão da cultura", é uma das mais conhecidas visões de conjunto sobre a história da educação no Brasil (1). Focaliza essa história desde a época colonial, quando os jesuítas aqui se instalaram (1549) até a data da sua primeira edição (1943). É considerado um clássico no gênero, e apesar da sua antiguidade, trata-se de obra de referência obrigatória nos cursos de pedagogia e nos estudos dedicados à história da cultura e da educação no Brasil.

Ao longo dos seus cinco capítulos —especialmente naqueles que descrevem a história da educação após a proclamação da República (1889)— não se encontra, contudo, qualquer menção à figura de Francisco Ferrer ou às suas propostas na área da educação, de maneira que o leitor pode chegar à conclusão —errônea, como se verá— de que o nome do educador espanhol e a sua proposta de ensino racionalista não foram conhecidas nem postas em prática no país.

A realidade, porém, foi bem outra. O Brasil conheceu as idéias educacionais de Ferrer assim como as atividades por ele desenvolvidas na Espanha, fato que se revela no próprio nome das inúmeras escolas aqui fundadas por pessoas ou associações nelas inspiradas, como "Escola Moderna", "Escola Livre" ou "Escola Racionalista". Entretanto, o assunto só muito recentemente tem despertado o interesse de professores e pesquisadores da nossa história educacional e da nossa história cultural e social.

Essas pesquisas baseiam-se em fontes documentais diversas, tais como revistas, livros e jornais, aqui publicados no início deste século por militantes e simpatizantes do movimento anarquista e por adeptos do anticlericalismo, fontes essas pouco conhecidas, aliás, à época em que Fernando de Azevedo escreveu o seu livro. Tem-se revelado, assim, que as idéias educacionais de Ferrer foram conhecidas, aceitas e praticadas em muitas regiões do território nacional (2).

Não será surpresa, dessa forma, se pesquisas futuras confirmarem o que hoje é apenas uma hipótese: a de que os adeptos do ensino racionalista no Brasil tiveram o propósito de instituir uma espécie de "rede escolar" para funcionar não apenas de forma paralela e oposta à ação educativa do Estado e da Igreja, mas que também pudesse concorrer com as escolas estatais e confessionais em condições de igualdade.

De qualquer modo, as pesquisas já concluídas em outras que se acham em andamento, estão preenchendo uma séria lacuna na historiografia da educação no Brasil. Certamente o conjunto desses trabalhos revelará que nessa historiografia deverá ser reservado um capítulo especial às iniciativas

promovidas por organizações como o *Comitê Pró-Escola Moderna* de São Paulo (fundado em 1909), a *Associação Pró-Escola Moderna* do Rio de Janeiro (fundada em 1910) e a *Sociedade Pró-Ensino Racionalista* do Rio Grande do Sul (fundada em 1916), no sentido de estimular e apoiar a fundação, em suas respectivas áreas de atuação, de escolas destinadas à difusão do ensino racionalista.

A presença desse método de ensino entre nós, no princípio deste século, é, pois, atualmente, um fato reconhecido. Aos pesquisadores, porém, resta a tarefa de prosseguir as investigações com o objetivo de ampliar e de aperfeiçoar os conhecimentos sobre o assunto. Entre essas tarefas pode-se arrolar as seguintes: avaliar a extensão (geográfica e social) da aplicação das idéias de Ferrer no Brasil; identificar possíveis inter relações entre os diversos Comitês Pró-Escola Moderna no país; localizar eventuais diferenças na aplicação do método racionalista nas diversas escolas existentes; constatar as prováveis defasagens entre o método original e as práticas educativas concretas aqui levadas a efeito.

Sobretudo, as investigações devem se concentrar na localização dos Programas e Planos Escolares, dos livros didáticos adotados, dos cadernos escolares, das publicações promovidas pelas escolas, assim como das fichas de matrícula dos alunos e dos currículos dos professores. Com essas informações será possível avaliar melhor a qualidade pedagógica de cada iniciativa, formar uma idéia mais rigorosa do seu alcance social e conhecer a formação e a preparação técnica e intelectual do corpo docente dos estabelecimentos.

A seguir, este texto expõe de forma resumida, alguns fatos que marcaram a instalação, a organização e o funcionamento da *Escola Moderna n.º 1*, de São Paulo, assim chamada em homenagem àquela fundada em Barcelona por Ferrer e porque havia o propósito de se fundar outras semelhantes, o que de fato aconteceu.

Inaugurada em 13 de maio de 1912, essa foi a primeira iniciativa *sistematizada* de que se tem notícia até o momento para fazer funcionar, no Brasil, um estabelecimento escolar formal baseado no ensino racionalista de acordo com o modelo proposto por Ferrer.

Os documentos relativos à essa escola, como livros, cadernos escolares, jornais, folhetos, foram, em parte, preservados pela família do seu diretor, professor João Penteadado, que gentilmente permitiu a sua consulta. Atualmente esse material encontra-se no Arquivo de História Contemporânea da Universidade Federal de São Carlos, São Paulo.

Finalmente, convém advertir que os fatos aqui narrados não devem ser globalmente generalizados para outras experiências do mesmo gênero, levadas adiante em outras localidades, como por exemplo, no rio de Janeiro ou no Rio Grande do Sul.

(1) Azevedo, Fernando de, *A cultura brasileira*. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1943.

(2) Entre algumas dessas pesquisas pode-se mencionar as seguintes: *Pedagogia, educação e movimento operário na Primeira República, 1889-1930*, de Paulo Guiraldelelli Jr, S.P., 1986, mimeo.; *Os libertários no Rio Grande do Sul, 1895-1928*, de Norma Elisabeth Correa, RS, 1987, mimeo.; *Uma educação para a solidariedade: contribuição ao estudo das concepções e realizações educacionais dos anarquistas na República Velha (1889-1930)*, de Regina Célia Jomini, SP., 1989, mimeo.

II

As notícias sobre as atividades educacionais desenvolvidas por Ferrer na Espanha bem cedo chegaram ao Brasil onde encontraram boa receptividade nos círculos dos militantes e simpatizantes do movimento anarquista bem como entre representantes adeptos da corrente anticlerical.

Em São Paulo, especificamente, a aplicação das idéias de Ferrer, no início deste século, pode ser bem apreciada através de uma comparação entre duas diferentes iniciativas: a da *Escola Racionalista Libertária* e a da *Escola Moderna n.º 1*.

A *Escola Racionalista Libertária* foi inaugurada no mês de maio de 1902, por um grupo de militantes anarquistas que se reunia no "Círculo Educativo Libertário Germinal". O grupo proclamava ser sua intenção deliberada a de difundir o ensino racionalista entre a classe operária. Apesar da dedicação e do entusiasmo dos seus fundadores, a iniciativa fracassou. Os militantes não conseguiram reunir recursos suficientes para sustentar a escola, e além do mais, parece que também não tinham preparação pedagógica e científica adequadas para colocar em prática o modelo de ensino preconizado por Ferrer. Seja como for, depois de 1904 não se tem mais notícias dessa escola.

No final da primeira década do século, encontramos os militantes e simpatizantes do anarquismo empenhados, novamente, na criação de uma escola racionalista. Desse movimento nasceu a *Escola Moderna n.º 1*, que durante toda a sua relativamente longa existência (1912-1919), serviu de paradigma para as atividades educacionais racionalistas em São Paulo e também para outras regiões do Brasil.

Comparando a nova iniciativa com a anterior, notam-se algumas significativas diferenças, quer no campo da organização da escola, quer na definição dos seus objetivos. Antes de abrir a futura *Escola Moderna n.º 1*, decidiu-se criar o "Comitê Pró-Escola Moderna de São Paulo", que teria a incumbência de planejar, divulgar e preparar a abertura da escola. Isso ocorreu no final de 1909. Entre as particularidades desse Comitê, destaca-se, em primeiro lugar, a heterogeneidade ideológica e social dos seus componentes. A idéia do ensino racionalista promoveu no Brasil, a exemplo do ocorrido na Espanha, a aproximação entre anarquistas e gente identificada com outras ideologias. Na Espanha, em torno da *Escola Moderna de Barcelona* uniram-se elementos representativos de diferentes e até mesmo antagônicas correntes do pensamento social, mas que se diziam dotados de um "espírito emancipado"; anarquistas, socialistas, liberais, livres-pensadores. Aqui também a iniciativa atraiu gente situada fora dos quadros restritos da militância libertária e que, por sua situação econômica e posição social, esperava-se encontrar senão combatendo a idéia, ao menos indiferente à sua concretização. Contrariando, porém, essa expectativa, muitas dessas pessoas participaram da atividade e chegaram mesmo a contribuir com recursos materiais para a sua manutenção.

Constata-se esse fato com a leitura de alguns documentos, entre os quais, de um texto que o Comitê distribuiu com este sugestivo título: "Exposição de motivos feita pelo Comitê e dirigida a todos os homens emancipados". Logo na abertura do citado documento lê-se que o grupo foi "encarregado pelos representantes de vários centros liberais e associações econômicas" de expor ao público o programa da Escola Moderna, angariar fundos para a sua instalação e explicar as bases do ensino racionalista. Vale sublinhar a importante mudança: enquanto o grupo fundador da *Escola Racionalista Libertária* dirigia as suas mensagens especificamente para a classe operária, o comitê Pró-Escola Moderna ampliava deliberadamente o círculo social do seu público, dirigindo-se a "todos os homens emancipados".

O novo Comitê, que também se proclamava representante de um grupo de "livres-pensadores", não escondia a hetero-

geneidade social e profissional da sua composição. Ao contrário: procurava evidenciar esse fato, como se lê em anúncio publicado no jornal libertário *A Terra Livre*. Compunha-se de um "guarda-livros" (Leão Aymoré), um "negociante" (José Sanz Duro), dois "industriais" (Dante Ramenzoni e Pedro Lopes), um "artífice" (Tobias Boni) e cinco "jornalistas", que na verdade eram cinco conhecidos militantes anarquistas (Luiz Damiani, Edgard Leuenroth, Eduardo Vassimon, Neno Vasco e Orestes Ristori).

Um contratempo enfrentado pela *Escola Moderna n.º 1*, em 1918, ilustra com propriedade os efeitos da nova organização fundada em uma base social heterogênea. Naquele ano, diante de dificuldades financeiras graves, o director da escola, professor João Penteadado, precisou apelar, conforme se lê em documentos pertencentes à escola, "para as associações operárias, lojas maçônicas e pessoas cujos sentimentos se acham identificados com a obra de propaganda racionalista". E o apelo foi prontamente atendido, pois "vieram em auxílio desta instituição a Sociedade dos Laminadores de São Caetano e a Benemerita Loja Maçônica Eterno Segredo de São Carlos do Pinhal. Em outra oportunidade, ao desejar realizar uma comemoração relativa ao fuzilamento de Ferrer, João Penteadado contou com o auxílio de "associações operárias, da Loja Maçônica G. Marconi e de alguns companheiros que contribuíram em subscrição voluntariamente".

Também na apresentação dos objetivos da futura *Escola Moderna n.º 1* nota-se uma grande diferença com relação à *Escola Racionalista Libertária*. O tom exageradamente panfletário que predominava nos documentos publicados anteriormente foi abandonado. A linguagem das mensagens divulgadas pelo Comitê Pró-Escola Moderna revela maior apuro, e o seu conteúdo demonstra uma razoável preparação pedagógica e científica, mudanças que se confirmam com a leitura deste trecho da citada "Exposição de motivos" que trata especificamente dos propósitos da *Escola Moderna n.º 1*:

"Liberar a criança do progressivo envenenamento moral que por meio de um ensino baseado no misticismo e na bajulação política, lhe comunica hoje a escola religiosa ou do governo; provocar, junto com o desenvolvimento da inteligência a formação do carácter, apoiando toda concepção moral sobre a lei da solidariedade; fazer do mestre um vulgarizador de verdades adquiridas e livrá-lo das peias das congregações ou do Estado, para que sem medo e sem restrições lhe seja possível ensinar honestamente, não falseando a história e não escondendo as descobertas científicas (...) Enfim, a Escola Moderna propõe-se fazer da criança um homem livre e completo, que sabe porque estudou, porque reflectiu, porque analisou, porque fez a si mesmo uma consciência própria e não um dos tantos bonecos laureados por repetirem como fonógrafos as verdades de Moisés e para se curvarem sem dignidade ao Direito Romano".

A julgar por outras passagens de "Exposição de motivos", vê-se que se tratava realmente de uma organização em bases bem diferentes da anterior. A variada composição sócio-econômica do comitê reduziu ou minimizou o problema da captação de recursos. Conseguiu-se, dessa forma, entre outras doações de valor, a de um terreno que seria sorteado para reunir fundos. De acordo com o hábito, contudo, não foram abandonadas as tradicionais formas para angariar recursos: as festas, quermesses, conferências, listas de subscrição. Os planos do comitê não eram modestos: incluíam a compra de um prédio próprio para fazer funcionar a escola, a fundação de uma editora para livros didáticos e a procura de "professores idôneos" para dirigi-la.

Outra preocupação do Comitê foi quanto a escolha do seu director. Esta recaiu na figura de João Penteadado, nascido em uma pequena cidade do interior de São Paulo, professor de cursos elementares (primário), partidário da corrente kropotkiniana do anarquismo e admirador da obra educacional de Ferrer. O currículo do professor João Penteadado ajus-

tava-se bem à condição de "professor idôneo" exigida pelo Comitê para o futuro diretor da escola. E até 1919, quando a *Escola Moderna n.º 1*, a congênere de n.º 2 e outra existente em São Caetano do Sul foram obrigadas a fechar por ordem do governo, a direção do estabelecimento ficou sob a sua responsabilidade.

De acordo com os folhetos de divulgação distribuídos pela *Escola Moderna n.º 1*, verifica-se que se tratava de uma "instituição de instrução e educação para menores e adultos de ambos os sexos" e que se dedicava ao "ensino teórico e prático, segundo os métodos da pedagogia moderna, com os quais se ministra aos alunos uma instrução que os habilite para o início das atividades intelectuais e profissionais, assim como uma educação moral baseada no racionalismo científico".

A escola oferecia três cursos: Primário, Médio e Adiantado, no período noturno e diurno. O curso Primário compunha-se das seguintes matérias: Português, Aritmética, Caligrafia, e Desenho; o curso Médio, de Gramática, Aritmética, Geografia, Ciências, Caligrafia e Desenho; o curso Adiantado, de Gramática, Geografia, Ciências Físicas e Naturais, História, Geometria, Caligrafia, Desenho e Datilografia. Para as meninas eram oferecidos, ainda, cursos de Trabalhos Manuais (costura, bordado, etc.).

O estabelecimento achava-se bem equipado do ponto de vista do material didático, como revela o Inventário feito por ocasião do seu fechamento. Entre outros itens, verifica-se que a escola possuía: giroscópio, coleção de sólidos, globos geográficos, manuais de botânica, mineralogia, química, astronomia, zoologia, dicionários, livros de gramática, livros de leitura, atlas zoológico, mapas, cadernos de caligrafia, livros de ginástica, material para ginástica, material para recreação etc.

Entre os livros que haviam pertencido à biblioteca da *Escola Moderna n.º 1* e que se acham no arquivo do professor João Penteado, encontram-se vários editados pela *Biblioteca de Educação Racionalista* (Guimarães e Cia., Lisboa) e outros tantos pertencentes à coleção *Publicaciones de la Escuela Moderna* (Barcelona).

A metodologia de ensino empregada na escola incluía os "exercícios epistolares", as "descrições" e as "excursões". Também nesse particular, portanto, o professor João Penteado seguia o exemplo da *Escola Moderna de Barcelona*.

Boa parte das atividades escolares, sobretudo os exercícios epistolares e as redações feitas na escola ou em casa, eram posteriormente publicadas em um jornalzinho dos próprios alunos, chamado *O Início*. Tratava-se de uma publicação impressa, de periodicidade irregular, de proporções modestas (4 páginas pequenas), mas realizada com muito capricho. Com essa iniciativa, o director desejava estimular entre os alunos a prática da cooperação e da solidariedade, pois era um aluno o seu Redator Secretário, assim como era composta de alunos a Comissão de Redação. O jornal era mantido com recursos fornecidos pelas próprias crianças, ajudadas naturalmente pelos pais e pela própria direção da escola. A leitura desses documentos tem, hoje, duplo interesse, pois dá uma idéia do desempenho escolar dos meninos e meninas e fornece, indiretamente, dados significativos sobre os hábitos escolares, métodos de ensino e até mesmo detalhes sobre a mentalidade e a vida cotidiana dos alunos e de seus familiares.

Outra publicação da escola era o *Boletim da Escola Moderna*, dirigido pelo próprio João Penteado. Destinava-se a fazer a divulgação do ensino racionalista em São Paulo e a representar as duas Escolas Modernas de cidade. Com a publicação do *Boletim*, a partir de 1918, cessou a do jornal *O Início*, pois, como alegou o diretor, era muito difícil sustentar duas publicações simultaneamente.

O referido *Boletim* também foi publicado com irregularidade e entre 1918 e 1919 saíram apenas 4 números. Ele publicava notícias diversas, tais como balancetes financeiros,

listas de alunos matriculados, dados quantitativos vários (dias letivos, frequência dos alunos etc.). A maior parte do espaço era reservada, contudo, para os artigos (originais ou transcrições) que procuravam esclarecer os leitores sobre as propostas do ensino racionalista.

Adelino de Pinho, professor e diretor da *Escola Moderna n.º 2*, utilizou o *Boletim* para explicar os objetivos das escolas racionalistas criadas na cidade: elas pretendiam "ministrar uma educação despida de preconceitos, alheia à moral corrente do venha a nós, baseada nos fatos e fenômenos naturais, na observação e na crítica racional. Nada de fórmulas feitas, mas o aluno mesmo ser levado a descobrir o fenômeno, a causa ou a lei natural a que obedece. Não a apologia deste estado social, mas a crítica das instituições e a demonstração de que são um obstáculo à felicidade do povo e daí a necessidade de as aniquilar". Entre outros artigos publicados, vale lembrar os seguintes: "Racionalismo humanitário", de Francisco Ferrer, "Salve 18 de Março", assinado por João Penteado e "Tudo Muda", de Eliseu Reclus.

Os dados quantitativos a respeito das atividades da *Escola Moderna n.º 1* são muito incompletos. Reunindo informações esparsas encontradas nos três números do jornal *O Início* (1914, 1915 e 1916) e nos quatro números do *Boletim da Escola Moderna*, foi possível preparar o seguinte quadro demonstrativo do número de alunos que passaram pela escola:

ANO	DIURNO	NOTURNO	OUTROS CURSOS	TOTAL
1914	34	—	—	34
1915	36	18	—	54
1916	37	19	—	56
1918	45	24	17	86
1919	48	16	8	72

É interessante comparar esses dados com os da *Escola Moderna de Barcelona*. No ano letivo de 1901/1902, ela atingiu o número de 70 alunos matriculados; em 1902/1903, 82 alunos; e em 1903/1904, 114 alunos. Nas suas estatísticas, Ferrer discrimina a frequência de cada ano letivo mês a mês. Os números acima referem-se apenas às matrículas constantes no mês de julho e que sempre apresenta um índice mais elevado de matrículas. Computadas todas as diferenças existentes entre Barcelona e São Paulo no início do século, pode-se dizer, diante desses dados, que a *Escola Moderna n.º 1* de São Paulo alcançou, em termos relativos, algum sucesso.

No quadro das atividades educacionais desenvolvidas pelos adeptos do ensino racionalista em São Paulo (e mesmo no Brasil), a *Escola Moderna n.º 1* distinguiu-se por vários motivos, entre eles, por sua meticulosa organização.

Como se viu, o Comitê Pró-Escola Moderna de São Paulo planejou cuidadosamente a nova instituição, providenciou os recursos econômicos indispensáveis (evitando assim que viesse a padecer de um mal crônico, responsável pelo fracasso de outras iniciativas do gênero), instalou-a em um prédio adequado, equipou-a com material didático apropriado e entregou a sua direção a uma pessoa identificada e familiarizada com os métodos do ensino racionalista.

A própria duração da escola é outro ponto a ser destacado. Sete anos e meio (Maio de 1912 - Novembro de 1919) é um período relativamente longo em face das muitas contrariedades a que se achavam sujeitas as iniciativas promovidas no Brasil pelo anarquismo e pelo anticlericalismo. Também chama a atenção a heterogeneidade das pessoas que aderiram à idéia e que a apoiaram efetivamente ao longo do tempo, diferentes do ponto de vista ideológico e social. Esse pode ser apenas um detalhe, mas é um detalhe importante, por revelar que o ensino racionalista encontrou no Brasil, receptividade e apoio em um círculo social amplo.